



O TERROR

Arthur Machen

Arthur Machen

O TERROR

seguido de

ORNAMENTOS EM JADE

O GRANDE DEUS PÃ

CHANCELA NEGRA

TRADUÇÃO E POSFÁCIO

José Antonio Arantes – O Terror, Ornamentos em Jade

José Manuel Lopes – O Grande Deus Pã

ÍNDICE

PREFÁCIO

O TERROR

ORNAMENTOS EM JADE

O GRANDE DEUS PÃ

A NOVELA DA CHANCELA NEGRA

A DEMANDA DO MISTÉRIO

FONTES CONSULTADAS

PREFÁCIO

1. Algumas notas biográficas

Arthur Machen, cujo nome de batismo era Arthur Llewelyn Jones (1863-1947), sendo Machen o apelido de solteira de sua mãe, é um escritor galês que atingiu o auge da sua carreira no mundo anglófono, na última década do século XIX, com a publicação de uma série de contos que poderíamos inserir no Fantástico Vitoriano. Nestes contos ou novelas, que se apresentam na maior parte das vezes como romances condensados, vários elementos se cruzam, capazes de revelarem o seu interesse pelas tradições celtas, pela colonização romana da Inglaterra e do País de Gales, bem como por uma complexa tradição de contos orais, em especial da sua região, mas de matriz profundamente europeia. De facto, a sua estréia literária data de 1881, com a publicação de *Eleusinia*, um longo poema sobre os Mistérios de Eleusis.

Já residente em Londres, Machen torna-se um conhecido tradutor para inglês de certos marcos da literatura francesa, como o *Heptameron* de Margarida de Navarra, e as famosas *Mémoires* de Casanova, a ponto de essas mesmas traduções virem a adquirir, durante largos anos, um estatuto de « traduções consagradas » não muito diferente das traduções de Baudelaire, para francês, dos contos de Edgar Allan Poe.

Todavia, foi na década de 1890, com a publicação de « O Grande Deus Pã » numa reconhecida editora londrina, que ele se tornou mais conhecido como um « escritor decadentista » e uma voz bem emblemática da sua época. Esta novela, de chocante conteúdo mórbido e sexual, em breve conheceu uma segunda edição e obteve uma grande popularidade. Efectivamente, é nesta mesma década que ele publica os outros contos/novelas que incluímos no presente volume: « A Luz mais Interior » em 1894, « A Novela da Chancela Negra » em 1885, bem como uma primeira versão do famoso « O Povo Branco », cuja presente tradução se baseia no texto revisto pelo autor, em 1904.

O alvor do século XX é-lhe marcado pela morte da sua primeira mulher, que morre de cancro em 1899, após um longo período de sofrimento. Um ano mais tarde, Machen ingressa na já lendária Ordem Hermética da Aurora Dourada, continuando a publicar outros contos que poderíamos inserir no mesmo género. O ponto de viragem dá-se talvez já durante a Primeira Guerra Mundial, em que Machen, como jornalista a tempo inteiro, adopta uma atitude mais realista, ainda que o seu conto « O Terror », publicado em 1917, tenha elementos fantásticos. Curiosamente, trata-se do conto por detrás do filme *Os Pássaros* de Alfred Hitchcock, a ser publicado como parte de um segundo volume nesta mesma coleção.

Se bem que nos anos 20 ele tenha publicado alguns romances e uma primeira autobiografia, *Far Off Things* (1922), os gostos literários já tinham

claramente mudado e o Fantástico Vitoriano já não usufruía de um mesmo público, especialmente quando a ficção inglesa começava a atingir o mais alto ponto do seu Modernismo e Virginia Woolf se tornara um modelo de escrita. Assim, por volta do final da década, as reedições das suas obras começam a rarear e Machen entra numa crise financeira da qual apenas conseguiu sair em 1943, aquando do seu octogésimo aniversário, em que um grupo de escritores amigos, entre eles T. S. Eliot, se juntou para o homenagear e proceder a uma campanha de angariação de fundos que lhe veio a permitir um final de vida confortável.

2. Traduzir Machen

Nos textos deste autor, por estranho que nos possa parecer, lemos, quase em simultâneo, não apenas uma única narrativa mas várias. É como se diante de nós se revelasse uma série de planos, nunca inteiramente transparentes mas translúcidos. Ficamos de facto presos, como leitores, a uma sucessão de ecos e cenários, regozijando-nos com todos os momentos de positivo « ruído » que todas essas interferências nos possam causar.

Lemos, em primeiro lugar, apenas um enredo, tal como este nos surge à superfície de contos específicos — verdadeiras novelas ou romances habilmente condensados —, para depois nos começarmos a aperceber de todo um historial de obsessões e fantasmas reprimidos da Época Vitoriana, em que a sexualidade engendra monstros e as experiências científicas se tornam assustadoras. Bem para lá deste segundo plano, no entanto, encontram-se as práticas « alquímicas » ainda bem presentes nestes textos dos finais do século XIX — escritos por um membro da Aurora Dourada —, formando uma terceira instância na qual, ainda que um certo significado hermético nos possa escapar enquanto leitores contemporâneos, o sentimos todavia a ressoar num outro lado de nós, não tão facilmente captável ou definível.

De facto, não é nada fácil traduzir Machen, tentando transpor o que na forte condensação dos seus textos nos surge, não tanto a um nível explícito, mas sobretudo nas suas sucessivas reverberâncias, apelando, no que diz respeito ao sentido, para uma expansão mais participante do que aí está escrito, através da qual o leitor se torna, simultaneamente, co-narrador e cúmplice. Sem dúvida, o tradutor, também inserido neste jogo de planos e de espelhos, ir-se-á debater não apenas com a significação de palavras específicas, que a princípio lhe poderão surgir na sua óbvia materialidade, mas com frases e inúmeros segmentos que, neste caso, formam extensíssimos parágrafos, semelhantes a intrincadas « caixas misteriosas ».

Com efeito, se como tradutores os tentamos visualizar, quase fantasmaticamente, existe algo que terá que ser transposto, não tanto ao nível da « letra », mas de um sentido que nunca para de nos escapar logo que o tentamos tornar fixo. Regressamos deste modo, ou assim pensamos, à objectividade ilusória de uma dada página, numa tentativa de recuperarmos o fôlego que nela teríamos perdido, através de todos os seus múltiplos patamares. Relemos então o

texto no original e na versão traduzida, que já imaginávamos revista e acabada, para verificarmos que esse mesmo texto — agora já mais nosso — é ainda e quase sempre «uma outra coisa», quer no que diz respeito ao original aparentemente imutável mas sempre múltiplo — dado que o activamos a cada leitura —, quer no que se prende com a sua tradução; isto é, com essa escrita a que já « demos uma outra voz », mas que se poderá sem dúvida melhorar a cada revisão, sem que nenhuma (tal como o produto final que por vezes nos arrancam das mãos para as tipografias) seja definitiva. Nunca o será de facto, pois tal como na Crítica Literária poderemos sempre acrescentar novas expansões, se não uma revisitada e reformulada interpretação inicial, no caso da tradução literária, as revisões sucessivas poder-nos-iam levar a tais extremos, que acabaríamos, através de um excesso de rigor, por nos depararmos com um texto traduzido que, paradoxalmente, pouco teria já que ver com o original, mas onde o mesmo continuasse a ser apaixonadamente alucinado.

Ora, o meu desejo de uma tradução objectiva, que se tenta, não obstante, afirmar como uma tentativa eufórica e utópica de fazer coincidir « as vezes » do autor com as do tradutor, pressupõe sempre, ou quase sempre, um inevitável sentido de perda, algo que nós nos vemos sempre condenados a ter que admitir.

Nenhuma tradução, porém, poderá pretender que o resultado do seu trabalho possa vir a ser recepcionado tal como na época em que o original foi escrito. Tal atitude pressuporia um agudizar de certas tendências históricas que já se encontram inerentes a qualquer voz tradutiva. Não lemos, nem poderemos pretender ler, como se lia na Inglaterra de finais do século XIX. Iremos tentar, é certo, recorrer, sempre que tal se justifique, a certas expressões passadas, a registos de fala que, na maioria dos casos, acabam por ecoar o nosso conhecimento acerca de textos da mesma época que, tanto quanto possível, possamos inserir num contexto semelhante ou paralelo. Assim, este Machen em português, o mesmo que eu aqui « transponho », insere-se inevitavelmente na sua época, mas também, dado que passou pelas mudanças necessariamente impostas por uma tradução recente, na nossa pós-modernidade, no espaço em que se esgarçam teorias, discursos e sobretudo as tentativas (quase sempre autoritárias) de um único texto definitivo, que apenas nos traz de volta todas as já ultrapassadas certezas do Positivismo e da ciência velha. Assim, a tradução que vos coloco nas mãos, caros leitores, ainda que enfermando de todos os defeitos inerentes a uma « filtagem » de natureza interlinguística — mas beneficiando também de uma série de informadas opções pessoais inerentes a uma certa distância temporal —, será « esse outro texto » a que a nossa especulação nunca cessará de se prender: *esse em que tudo se transformasse, sem que nada, no entanto, se perdesse.*

O TERROR

1- O ADVENTO DO TERROR

Depois de dois anos, voltamo-nos mais uma vez para as notícias matutinas com uma sensação de apetite e alegre expectativa. Houve emoções no início da guerra; a emoção do horror e de um destino que parecia ao mesmo tempo inacreditável e certo. Isso se deu quando Namur sucumbiu e as hostes alemãs invadiram como cheia os campos franceses e se acercaram muito perto dos muros de Paris. Depois sentimos a emoção do júbilo quando chegou a boa notícia de que a medonha maré havia recuado, que Paris e o mundo estavam salvos, ao menos por algum tempo.

Assim, durante dias, aguardamos outras notícias tão boas como essa, ou melhores. Foi o general von Kluck cercado? Hoje não, talvez amanhã sim. No entanto, os dias se tornaram em semanas, as semanas se prolongaram em meses; a batalha do Ocidente parecia paralisada. De vez em quando, faziam-se coisas que pareciam esperançosas, com a promessa de acontecimentos ainda melhores. Mas Neuve Chapelle e Loos se reduziram a desapontamentos à medida que se contavam histórias a seu respeito; as formações em linha no Ocidente permaneceram, para todos os propósitos práticos de vitória, imobilizadas. Nada parecia acontecer, nada havia para ler, exceto o registro das operações, que eram claramente fúteis e insignificantes. As pessoas se perguntavam qual era o motivo dessa inação. Os esperançosos diziam que Joseph Joffre tinha um plano, que ele estava "cauteloso"; outros declaravam que estávamos sem munição; outros, mais uma vez, que os novos recrutas ainda não estavam prontos para a batalha. De modo que os meses passaram, e quase dois anos de guerra se haviam completado quando a inerte linha de frente inglesa começou a se mexer e estremecer como se despertasse de um longo sono, e começou a avançar, esmagando o inimigo.

O segredo da longa inação do exército britânico foi bem mantido. De um lado, foi rigorosamente protegido pela censura, que severa, e às vezes severa a ponto da absurdidade — "o capitão e os [...] partem", por exemplo —, tornou-se, em especial nesse aspecto, feroz. Assim que as autoridades se deram conta do significado real do que estava ocorrendo, ou começava a ocorrer, uma circular crivada de realces foi enviada aos donos de jornais da Grã-Bretanha e da Irlanda. Advertia cada um deles que poderiam compartilhar o conteúdo da circular com apenas uma única outra pessoa, sendo essa pessoa o editor responsável do jornal, o qual deveria guardar segredo acerca do comunicado,

sob pena das multas mais severas. A circular vetava qualquer menção a acontecimentos que tivessem ocorrido, ou que pudessem ocorrer; vetava qualquer tipo de alusão a esses acontecimentos ou qualquer indicação de sua existência, ou da possibilidade de sua existência, não só na imprensa como também em qualquer outra forma. O assunto não podia ser mencionado em conversas; dele não se podia fazer qualquer insinuação, por mais obscura que fosse, em cartas. A própria existência da circular, à parte seu objeto, tinha de ser um segredo absoluto.

Essas medidas foram bem-sucedidas. Um abastado proprietário de jornal do norte, um tanto excitado ao final da Festa dos Tecelões (que, ressalte-se, se realizou como de costume), arriscou-se a dizer para um homem ao lado: "Seria terrível, não seria, ser...". Suas palavras foram repetidas, como prova, lamentavelmente, de que chegara a hora de o "velho Arnold" se recompor; e ele foi multado em mil libras esterlinas. Depois houve o caso de um obscuro semanário publicado na cidade administrativa de um distrito agrícola do País de Gales. O Meiros Observer (como o chamaremos) era publicado nos fundos das instalações de um proprietário de papelaria, e enchia as quatro páginas com relatos de exposições de flores do lugar, feiras de artigos de fantasia em vicariatos, relatos de conselhos paroquiais e raras mortes por acidente em balneários.

Esse órgão informativo imprimiu um tópico, o qual ninguém notou, que se assemelhava muitíssimo aos tópicos que jornalecos do interior havia muito costumavam publicar, que dificilmente poderia dar uma pista a alguém — a alguém, quer dizer, não de todo informado do segredo. Na verdade, essa notícia foi parar no jornal porque o proprietário, que também era o editor, incautamente deixou os últimos procedimentos desse assunto em particular para o assistente, que era o pau-para-toda-obra-mor do estabelecimento: e o assistente acrescentou uma pitada de boato que ele ouvira na feira e a qual preencheria dois centímetros da última página. Mas o resultado foi que o Meiros Observer parou de ser publicado, devido a "circunstâncias desfavoráveis", como explicou o proprietário, que nada mais disse. Nada mais, quer dizer, em termos explanatórios, mas um bocado mais em termos da execração de "malditos abelhudos".

Agora, uma censura que seja suficientemente minuciosa e totalmente impiedosa pode fazer milagres no que diz respeito a ocultar [...] o que se deseja ocultar. Antes da guerra, teria sido possível pensar o contrário; teria sido possível dizer que, com ou sem censura, decerto tomar-se-ia conhecimento da ocorrência do homicídio em X ou da ocorrência do assalto ao banco em Y; se não por meio da imprensa, ao menos por meio do boato ou da notícia passada boca a boca. E isso seria aplicável à Inglaterra de há trezentos anos e às primitivas áreas tribais de hoje. Recentemente, porém, habituamo-nos a uma tal reverência à palavra impressa e a uma tal confiança nela que a velha capacidade de divulgar notícias oralmente ficou atrofiada. Proíba-se a imprensa de mencionar o fato de que João foi assassinado e é incrível como algumas pessoas saberão disso, e das que souberem quão poucas acreditarão no que ouvirem. Conhecemos um homem no trem que afirma que lhe contaram algo acerca de um homicídio em Southwark

É enorme a diferença entre a impressão com que ficamos de uma comunicação casual como essa e a proporcionada por meia dúzia de linhas impressas com nome, rua, data e todos os fatos do caso. Gente que viaja de trem reconta todo tipo de histórias, muitas delas falsas. Jornais não publicam relatos de assassinios que não foram cometidos.

Ademais, há outro motivo que levou ao segredo. Devo ter dado a entender que o antigo ofício do boato não existe mais. A mim me farão lembrar da estranha lenda dos "russos" e da mitologia dos "anjos de Mons". Mas gostaria de observar, em primeiro lugar, que a ampla divulgação desses dois disparates dependeu dos jornais. Se não existissem jornais ou revistas, russos e anjos teriam feito apenas uma breve e vaga aparição das mais obscuras — alguns poucos teriam sabido deles, nem tantos desses poucos teriam acreditado neles, deles se teriam falado por uma ou duas semanas e, desse modo, teriam desaparecido.

E depois, mais uma vez, o próprio fato de que por um tempo se acreditou nesses boatos fúteis e nessas histórias fantásticas foi fatal para a credibilidade de qualquer rumor que tivesse se espalhado pelo país. As pessoas botaram fê duas vezes; viram indivíduos sérios, homens de boa reputação, pregar e preconizar os notáveis procedimentos que haviam salvado o exército britânico em Mons, ou testemunharam trens, repletos de russos de casacos cinzas, atravessarem o país a altas horas da noite: e agora havia um sinal de algo mais espantoso do que qualquer uma das lendas desacreditadas. Mas dessa vez não havia uma palavra sequer de confirmação nos jornais diários ou semanários, ou nas revistas paroquiais, de modo que os poucos que souberam riram-se ou, sendo sérios, foram para casa e fizeram algumas anotações para ensaios sobre "A psicologia do tempo de guerra: delírios coletivos".

Não segui nenhuma dessas direções. Pois antes de a circular secreta ter sido emitida, minha curiosidade havia, de algum modo, sido despertada por um determinado parágrafo relativo a um "Acidente fatal com conhecido piloto-aviador". A hélice do avião havia sido despedaçada, aparentemente numa colisão com um bando de pombos. As pás haviam sido quebradas e o motor caíra como chumbo na terra. E, logo após ter lido essa notícia, tomei conhecimento de algumas circunstâncias bastante estranhas relacionadas a uma explosão numa grande fábrica de munições num condado do centro da Inglaterra. Pensei na possibilidade de haver uma conexão entre os dois diferentes acontecimentos.

Amigos que se prestaram a ler esse relato me chamaram a atenção para o fato de que determinadas frases que empreguei pudessem dar a impressão de que atribuo todos os obstáculos da guerra na frente ocidental às circunstâncias extraordinárias que motivaram a emissão da circular secreta. Claro que não é este o caso, pois havia inúmeros motivos para a imobilidade de nossas fileiras de outubro de 1914 a julho de 1916. Essas causas eram bastante óbvias e haviam sido abertamente debatidas e lamentadas. Mas, detrás delas, havia algo de importância infinitamente maior. Faltavam-nos homens, mas homens estavam sendo admitidos em abundância no novo exército. Estávamos mal providos de

projéteis, mas, quando se anunciou publicamente a escassez, o país tratou de corrigir o problema com muita eficácia. Poderíamos assegurar o reparo das deficiências de nosso exército — no que respeitava a homens e munição — se o novo e inacreditável perigo pudesse ser superado. Foi superado. Sem dúvida, talvez, deixou de existir. E agora o segredo pode ser revelado.

Eu disse que minha atenção foi atraída pela notícia da morte de um conhecido piloto-aviador. Não tenho o hábito de guardar recortes de jornais, lamento dizer, de maneira que não posso precisar a data desse acontecimento. Tanto quanto sei, ocorreu por volta do final de maio ou do começo de junho de 1915.0 parágrafo do jornal que anunciava a morte do capitão-aviador Western-Reynolds era bastante sumário. Acidentes, e acidentes fatais, com os homens que estão tomando o ar de assalto por nós não são, lamentavelmente, tão raros a ponto de requererem uma nota elaborada. Mas o modo pelo qual Western-Reynolds foi de encontro à morte me pareceu extraordinário, porquanto revelava um novo perigo no elemento que tínhamos recentemente conquistado. Ele foi derrubado, como eu disse, por um bando de aves; de pombos, como pareceu pelo que se encontrou nas pás ensanguentadas e despedaçadas da hélice. Uma testemunha ocular do acidente, um colega oficial, contou que Western-Reynolds partira do aeródromo numa tarde clara, praticamente sem vento. Estava indo para a França. Tinha feito o trajeto de um lado para outro uma dezena de vezes ou mais, e se sentia perfeitamente seguro e à vontade.

— O "Wester" atingiu logo uma grande altura, e a gente mal conseguia ver o aparelho. Eu estava me virando para ir embora quando um dos colegas gritou: "Nossa! O que é aquilo?". Apontou para o alto, e a gente viu o que parecia ser uma nuvem negra que vinha do sul a uma velocidade espantosa. Logo percebi que não era uma nuvem. Vinha num remoinho e num ímpeto bem diferente de qualquer nuvem que já vi. Mas por um segundo não consegui distinguir exatamente o que era. A forma se alterou e se transformou numa enorme meia-lua, e girava e mudava de direção como se procurasse alguma coisa. O homem que gritou tinha pegado os binóculos e observava com o máximo esforço. Depois gritou que se tratava de um enorme bando de aves, "milhares delas". Elas continuaram girando e buscando a grande altura no ar, e nós as observávamos, achando-as interessante mas não achando que fariam qualquer diferença para o Wester, que estava quase fora de visão. O aparelho dele não passava de um ponto. Então os dois braços da meia-lua se uniram tão velozes quanto um raio e aquelas milhares de aves dispararam como uma massa sólida pelo céu lá no alto, e se afastaram para algum lugar nor-noroeste. Então Henley, o homem com os binóculos, gritou: "Ele caiu!", e começou a correr e eu o segui. Pegamos um carro e no caminho Henley me disse que tinha visto o avião se estatelar, como se tivesse caído daquela nuvem de aves. Na hora ele pensou que as aves tinham travado as hélices, ou coisa assim. E foi esse o caso, como se soube. Encontramos as pás das hélices todas quebradas e cobertas de sangue, e penas e ossos de pombos estavam introduzidos entre as pás, aferrados a elas.

Essa foi a história que o jovem piloto-aviador contou certa noite para um pequeno grupo de pessoas. Não falou "em sigilo", portanto não hesito em

Gracias por visitar este Libro Electrónico

Puedes leer la versión completa de este libro electrónico en diferentes formatos:

- HTML(Gratis / Disponible a todos los usuarios)
- PDF / TXT(Disponible a miembros V.I.P. Los miembros con una membresía básica pueden acceder hasta 5 libros electrónicos en formato PDF/TXT durante el mes.)
- Epub y Mobipocket (Exclusivos para miembros V.I.P.)

Para descargar este libro completo, tan solo seleccione el formato deseado, abajo:

